

## 1. ILHA DA AUTONOMIA, 6 junho 2012



Em tempos, o açoriano expatriado nos EUA, Manuel Leal escreveu:

*“A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos.*

*Nunca teve uma face persuasiva.*

*Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa.*

*Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco.*

*A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma”.*

Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências. Opino que talvez quatro bastassem: S. Miguel e a colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a colónia do Pico e, por fim as Flores e a ilha adjacente Corvo. Podiam considerar as possessões ultramarinas como Toronto, Nova Bedford, Santa Catarina e outras tantas que por aí há. Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país encafuado em Lisboa e submisso perante a omnipresente Europa, onde funcionários não-eleitos usam a tirania dominadora que julga os cidadãos como números, para estabilizar orçamentos. A emancipação autonómica tem de vir sem macrocefalias nem subalternidade. Um governo regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira emancipação sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas pequenos e isolados. Limitados como as ilhas e o país.

*A autonomia vive-se em círculos muito circunscritos, em escritores e “expatriados”.* Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação). Haverá mesmo elites pensantes para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra indoutrinarem e apontarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, granjeando a independência. Com a sagesa da sua açorianidade sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.

